

A Igreja e a sua História (A propósito de Monsenhor Miguel de Oliveira e da História da Igreja em Portugal)

D. MANUEL CLEMENTE

Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa

De bom grado me associo a esta homenagem à Professora Doutora Maria Manuela de Carvalho, com um breve apontamento sobre um dos fundadores do Centro de Estudos a que pertença na Universidade Católica Portuguesa. As nossas carreiras docentes na Faculdade de Teologia – da ilustre homenageada e minha – são quase coincidentes no tempo. Coincidam também deste modo a Teologia e a História da Igreja.

Uma primeira caracterização de Monsenhor Miguel de Oliveira (Válega, 1897 – Lisboa, 1968): a sua vida, nos vários aspectos que foi apresentando, define-se sobremaneira como vocação. Vocação sacerdotal, que incluiu sucessiva e harmonicamente o estudo, o ensino, a actividade jornalística, literária e historiográfica. A leitura dos textos já publicados sobre a sua vida e obra fundamentar-nos-á facilmente esta afirmação¹. A mesma Voz que o chamou aos Seminários

¹ Cf. MÚRIAS, Manuel – *Resposta ao Elogio Histórico de Henriques de Campos Ferreira Lima pelo Académico de Número Monsenhor Miguel de Oliveira*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1956, p. 37-42. COSTA, Avelino de Jesus da – Mons. Miguel de Oliveira. Notas bio-bibliográficas. *Lusitania Sacra*. Lisboa. 8 (1967-1969) 7-15. BROCHADO, Idalino da Costa – *Elogio de Mons. Miguel de Oliveira*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1971, p. 13-37. AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *Mons. Miguel de Oliveira no centenário do seu nascimento: Testemunhos, Perfil biográfico, Textos*. Junta de Freguesia de Válega, 1997, incluindo um elenco bibliográfico de 212 títulos.

diocesanos do Porto; que depois o ordenou padre a 18 de Julho de 1920, mandando-o prosseguir no ensino dos seminaristas; que o trouxe a Lisboa em 1925 para chefiar a redacção do jornal *Novidades*, ou acompanhar a secção editorial da União Gráfica a partir de 1932, continuando a colaborar na redacção do citado jornal católico; foi Ela que o chamou ainda e sempre a desenvolver uma incansável actividade literária e historiográfica em jornais, revistas, enciclopédias e livros. Há que insistir neste ponto, pois quem o conheceu de perto afirmou e afirma que a sua actividade no campo da História teve sempre motivação vocacional e evangélica, como serviço à verdade. Verdade do passado – sobretudo eclesial – para entender bem o presente e perspectivar correctamente o futuro.

Compartilhava a preocupação de vários sacerdotes do meio século em vivificar a presença católica na cultura portuguesa. Lembremos Avelino Gonçalves, Moreira da Neves e Lopes de Cruz, no jornalismo e na rádio; e o grupo de historiadores eclesiásticos com os quais fundou em 1956 o Centro de Estudos de História Eclesiástica e a revista *Lusitania Sacra*: António Brásio, A. da Silva Rego, Avelino de Jesus Costa, Bernardo Xavier Coutinho e Mário Martins, entre outros. Preocupação que trouxera de Coimbra no final dos anos vinte o Cardeal Cerejeira, a cujo patrocínio Miguel de Oliveira confiou tais realizações. É testemunho seu, que também o enquadra a si e àquelas iniciativas, como resumiu a crónica da fundação do Centro e da revista:

“...No dia seguinte, Festa da Epifania [6 de Janeiro de 1956], foram os membros da Comissão, com alguns assistentes, dar conta dos trabalhos ao Senhor Cardeal Patriarca. Mons. Miguel de Oliveira agradeceu a Sua Eminência o carinho com que se dignou patrocinar a ideia da fundação do Centro de Estudos de História Eclesiástica e expôs as resoluções tomadas na assembleia [...] Os iniciadores do Centro [...] depunham os seus projectos, desejos, sonhos e até dificuldades nas mãos do Eminentíssimo Prelado, certos de que os compreenderia melhor do que ninguém, como alto Príncipe da Igreja e antigo Professor de História da Igreja na Universidade de Coimbra”².

O prelado lisbonense, desde sempre interessado em tudo o que esclarecesse a componente cristã da história e cultura pátrias, respondeu em termos de absoluta anuência:

² *Crónica*. *Lusitania Sacra*. Lisboa. 1956, 1, p. 296.

“Portugal não pode compreender a sua história sem conhecer a história da Igreja. Infelizmente, estando a Igreja presente em todas as épocas da nossa história, desde a formação da alma nacional até à expansão portuguesa no mundo e à elevação da cultura em todos os aspectos, havia de reconhecer-se quanto são ainda deficientes os estudos de história da Igreja”³.

Monsenhor Miguel de Oliveira foi o principal obreiro da revista, situando-a no alto nível científico que a manteve como consulta obrigatória anos seguintes. Sua foi também a ideia do título, ligando-a à primeira fase desta nossa Academia: “Lusitania Sacra” como quisera a Academia Real da História, fundada por D. João V em 1720, intitular a história eclesiástica do reino⁴.

Fundara-se a revista. O futuro garantiu-lho sobretudo a dedicação de Monsenhor Miguel de Oliveira. Nos doze anos que lhe restaram de vida, sustentá-la científica e financeiramente foi uma das suas maiores preocupações. Se, quanto ao primeiro ponto, as dificuldades já eram algumas, apesar da qualidade dos fundadores e simpatizantes do Centro, mais espinhoso foi o segundo, exigindo sempre verdadeira vocação. Atesta-o concludentemente o Padre António Brásio, amigo e companheiro de lides e intentos:

“A alma, o concatenador, o revisor, o organizador [da revista] foi Mons. Miguel de Oliveira, eleito por unanimidade para o cargo. Fui testemunha repetidas vezes do calor, do carinho que lhe dedicava, e que só preocupações materiais para a manter enevoaram os horizontes do seu entusiasmo e optimismo”⁵.

E o Padre Avelino de Jesus Costa confirma a extrema dedicação de Miguel de Oliveira à revista, não se poupando para lhe garantir subsistência e idoneidade⁶. Era efectivamente coisa sua, a *Lusitania Sacra*, não exclusiva mas oblativa, oferta de ciência e persistência à cultura católica e portuguesa em geral. Sob sua responsabilidade saíram sete tomos até 1966.

³ *Ibidem*, p. 296-297.

⁴ *Ibidem*, p. 297: “O título de Lusitania Sacra, indicado por Mons. Miguel de Oliveira, foi aprovado quase por unanimidade, em virtude da sua tradição. Efectivamente, já a Academia Real da História, fundada por D. João V em 8 de Dezembro de 1720, Festa da Imaculada Conceição, se propunha começar por escrever com esse título a história eclesiástica do reino”.

⁵ BRÁSIO, Padre António – *A minha saudade*. Novidades. Letras e Artes. 3 Mar. 1969, p. 1.

⁶ Cf. COSTA, P. Avelino de Jesus da – Mons. Miguel de Oliveira. Nota bibliográfica. *Novidades. Letras e Artes*. (3 Mar. 1968) 1: “Nunca se poderá esquecer [...] o muito que lhe ficou a dever a revista Lusitania Sacra, de que foi o principal responsável e colaborador. Que sacrifício o seu ao reunir os artigos e tratar de todos os problemas de impressão e revisão! A crise económica que a revista atravessou, obrigando-a a sair irregularmente, afligia-o como se se tratasse de coisa sua, que em boa parte o era. Quantas cartas me escreveu a lastimar-se e a desabafar, por não encontrar solução para a crise económica da revista!”.

No trabalho que lhe dedicou, D. Carlos Moreira Azevedo recorda que, ao fazer em 1955 o elogio histórico do seu antecessor na cadeira nº 16 da Academia Portuguesa da História, Monsenhor Miguel de Oliveira, biografando o Tenente-Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima se autobiografa afinal a si mesmo⁷. Merece especial atenção este trecho de Miguel de Oliveira:

“Todos ou quase todos temos uma dupla profissão, a que chamarei a profissão do amor e a profissão da amizade. / A profissão do amor é a forma, por assim dizer, a base de uma vida. Para ela nos preparámos durante longos anos e abraçámo-la por vocação em hora decisiva da juventude. É ela que nos imprime carácter e nos modela as feições e nos marca na sociedade um lugar bem determinado [...]. A profissão da amizade é o refúgio a que nos acolhemos para realizar aquela parte do sonho indispensável à harmonia da vida. Há quem o busque na poesia, na música ou na pintura, como nós o achamos nos estudos históricos. É um trabalho em que se repousa, uma devoção que facilita o cumprimento do dever”⁸.

A profissão do amor confundir-se-ia assim com a vocação vital e profissional: militar no caso de Ferreira Lima, sacerdotal no de Miguel de Oliveira. A história, sempre para os dois, seria antes um caso de amizade. Porém, o que já lhe ouvimos e o que ouvimos a outros sobre a sua dedicação e intenção historiográficas permite-nos ir mais longe. Em Miguel de Oliveira, a investigação e a escrita integraram-se na sua vocação mesma, quer pelos intuitos que com frequência o levaram a empreendê-las quer pelo ânimo com que se entregou a elas.

Tudo isto já seria muito, como vida e como mérito. Mas em Monsenhor Miguel de Oliveira, a faceta especificamente historiográfica era também um alto exercício de lucidez e precisão. Ainda e sempre, um serviço à verdade. Os seus escritos continuam a transmitir-nos uma impressão geral de solidez, que lhes advém dessa mesma virtude espiritual e científica, bem cultivada pelo autor. Pôde parecer até superlativo num ou outro passo o rigor com que distinguiu sempre a lenda da história, ou o duvidoso do possível⁹.

Quando saiu o primeiro número da *Lusitania Sacra*, já Monsenhor Miguel de Oliveira tinha vária bibliografia publicada em livro ou artigo. Na temática

⁷ Cf. AZEVEDO – *Mons. Miguel de Oliveira*, p. 58.

⁸ OLIVEIRA – *Elogio histórico*, p. 22-23.

⁹ Cf. COSTA – *Mons. Miguel de Oliveira. Nota bibliográfica*, p. 1: “Na Hagiografia talvez se possam atribuir a certo hiper-criticismo algumas afirmações. Está neste caso ‘Santa Iria e Santarém’, problema que tive de rever por causa da obra *Fátima – História e Missão*”.

específica da história religiosa, permito-me destacar aqui apenas alguns títulos de obras autónomas, por mais inovadores na pesquisa ou na apresentação da matéria, sendo relativamente fácil o acesso a listas desenvolvidas¹⁰: A *História da Igreja* (em 1938, com reedições em 1942, 1952 e 1959); a *História Eclesiástica de Portugal* (em 1940 – Prémio Alexandre Herculano –, reeditada em 1948, 1958, 1968 e 1994); a *Epigrafia Cristã em Portugal* (em 1941); os *Privilégios do Cabido da Sé Patriarcal de Lisboa* (em 1950); *As paróquias rurais portuguesas – sua origem e formação* (1950, desenvolvendo um esboço dez anos anterior); *Lenda e história – Estudos hagiográficos* (1964, mas juntando estudos anteriores); *Santa Maria na história e na tradição portuguesa* (saída autonomamente em 1967, mas publicada em obra colectiva em 1953)...

Se, mesmo assim, aludimos às várias dezenas de artigos que escreveu para jornais e revistas e às centenas de entradas para a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, com outras para enciclopédias alemãs, é para vincar a grandeza qualitativa e quantitativa da sua dedicação historiográfica e, mais uma vez, vocacional. Lembra o Padre Avelino de Jesus Costa que grande mérito de Miguel de Oliveira foi o de abrir horizontes historiográficos fecundos e correctos aos novos historiadores¹¹. E ainda:

“De autêntico apostolado se poderá classificar a sua colaboração, durante cerca de vinte e cinco anos, nos 40 vols. da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. [...] esclareceu-me que a necessidade de dar todos os meses diversos artigos para a referida *Enciclopédia* o extenuou”¹².

Monsenhor Miguel de Oliveira diria também ao seu colega e amigo que se sujeitava a tanto para garantir a idoneidade do tratamento dos temas¹³. Na verdade, vocação eclesial e vocação científica acabaram por se unir em idêntico amor à verdade. Creio que o seu sucessor na cadeira nº 16 da Academia – Idalino da Costa Brochado – lhe resumiu acertadamente o percurso historiográfico, na evocação feita em 1 de Maio de 1970:

¹⁰ Cf., por exemplo, *Novidades. Letras e Artes*. (3 Mar. 1969) 2-3. OLIVEIRA, P. Miguel de – *História Eclesiástica de Portugal*. Edição revista e actualizada. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994, p. 323-327 e: AZEVEDO – *Mons. Miguel de Oliveira*.

¹¹ Cf. COSTA – *Mons. Miguel de Oliveira. Nota bibliográfica*, p.1.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.

“É nos fins dos anos 30 que Mons. Miguel de Oliveira entra, decididamente nos caminhos da historiografia. Certo que, desde muito novo, revelou vocação inequívoca para os estudos históricos, conforme provam os inúmeros e valiosos artigos publicados, em diversos jornais provinciais [...] Mas toda essa longa e minuciosa actividade intelectual [...] não era mais do que o acto preparatório, como que treino para o grande empreendimento da sua vida intelectual que viria a ser a História da Igreja universal e nacional, concretizada em dois volumes que constituem o alicerce, a base, digamos, de toda a expressão dos seus méritos de historiógrafo”¹⁴.

Refere-se Costa Brochado à *História da Igreja*, saída em 1938, e à *História Eclesiástica de Portugal*, de 1940. Ambas tiveram várias edições e a última saiu pela quinta vez em 1994, como se disse acima. Não são vulgares tais êxitos editoriais, sobretudo em áreas relativamente especializadas como é o caso. Já o notava aliás o mesmo Costa Brochado, lembrando a repercussão pedagógica destas obras¹⁵.

São obras de síntese, mas realmente síntese, sólida e enriquecida, de muita informação e análise, como o próprio Miguel de Oliveira esclarece na nota bibliográfica que abre a sua *História da Igreja*¹⁶. Ou, linhas antes, ao introduzir a mesma obra e prometendo já a de 1940, sobre matéria eclesial-portuguesa:

“...Aproveitámos dos manuais estrangeiros tudo o que pareceu útil, no método, na disposição das matérias, na selecção dos factos. A adaptação, o conjunto, a preferência dada a alguns expositores, é que obedeceram naturalmente a um critério pessoal, que se poderá justificar [...] Embora breve e sem pretensões eruditas, procurámos dar um texto claro, correcto e de acordo com as últimas conclusões da investigação histórica. Sabe-se que é mais difícil resumir um assunto do que expô-lo em muitas páginas, porque maior é o perigo de atraçoar a verdade quando têm de se apresentar os factos sem as circunstâncias que os envolvem e explicam”¹⁷.

¹⁴ BROCHADO – *Elogio*, p.32-33.

¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 33: “Com estas duas obras firmou Mons. Miguel de Oliveira a sua reputação de historiógrafo e perpetuou-se no tempo visto que ambas elas estão sendo reeditadas constantemente, podendo dizer-se que por elas se instruíram, nessa matéria, as sucessivas gerações de estudantes seminaristas, desde o ano 40 aos nossos dias”.

¹⁶ Cf. OLIVEIRA, Miguel de – *História da Igreja*. Lisboa: União Gráfica, 1938, p. 7: “Cada página deste livro abrange assuntos sobre os quais se têm publicado dezenas de volumes”.

¹⁷ *Ibidem*, p. 5-6.

Na sua *História da Igreja*, Miguel de Oliveira não podia ficar-se por temas pátrios. Mas, sentindo a falta de uma síntese da história eclesial no seu conjunto, para esclarecimento de crentes e não crentes, sentia-a igualmente de outra, que particularizasse o catolicismo português, uma vez que os oito notáveis volumes da *História da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida (Coimbra 1910-1922) eram difíceis de reeditar e reatualizar, não cumprindo aliás a mesma função sintética, nem pelo género de obra, nem pela quantidade de investigação entretanto aparecida¹⁸.

A *História Eclesiástica de Portugal* saiu em 1940 sendo premiada (Prémio “Alexandre Herculano” do Secretariado de Propaganda Nacional) e bem acolhida nas suas repetidas edições por historiadores nacionais e estrangeiros. Referindo-se à segunda edição da obra, aparecida em 1948, Pierre David dizia-se feliz por poder manifestar ao autor com inteira sinceridade todo o bem que pensava daquele excelente manual, graças ao qual o clero português dispunha de um meio de informação que outros países poderiam invejar. E destacava a prudência, a crítica judiciosa, a abertura de espírito a todas as novas aquisições da ciência de que o autor dava provas, realçando-as ainda com a sua modéstia¹⁹. A terceira edição, de 1958, mereceria por sua vez os elogios de José Vives na revista *Hispania Sacra*, quer quanto à metodologia estritamente científica e à boa fundamentação, quer quanto à lucidez e pedagogia no tratamento de temas melindrosos, como o eram algumas lendas e tradições hagiográficas²⁰.

As apreciações positivas continuaram. São mais recentes as seguintes palavras de D. Carlos Moreira Azevedo, que também dirigiu o Centro de Estudos de História Religiosa – nova designação de Centro de Estudos de História Eclesiástica – e a revista *Lusitania Sacra*:

“O serviço prestado por este trabalho [a *História Eclesiástica de Portugal*] à formação dos Seminários foi fundamental. A crítica saudaria o aparecimento de tão rigorosa síntese, com admiração e elogio. Cumpre não só o preenchimento de uma lacuna sentida, mas corresponde, com metodologia adequada e actualizada, ao necessário espírito

¹⁸ Cf. *Ibidem*, p. 6: “Isto não dispensa a organização de um compêndio da História da Igreja em Portugal, antes mostra a sua necessidade, pois uma obra como a de Fortunato de Almeida, além de pouco acessível, não pode andar actualizada, pela dificuldade das reedições”. Sobre a polémica com Alfredo Pimenta a propósito desta obra, cf. AZEVEDO – *Mons. Miguel de Oliveira*, p. 61-63.

¹⁹ Cf. OLIVEIRA, Miguel de – *História Eclesiástica de Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994, p. 18.

²⁰ Cf. *Hispania Sacra*. 12 (1959) 321-322. Cf. Também a recensão de A. de Jesus da COSTA em *Novidades. Letras e Artes* (22 Jan. 1956).

científico. Enfrenta opiniões lendárias e ideias repetidas com consciente pedagogia histórica: expõe a verdade do documento, descreve o que a tradição lhe juntou em colorido, assinala com precisão o início cronológico dessa tradição, responsabiliza o leitor pelo juízo da validade histórica da narração”²¹.

Não caberá aqui repetir as consideráveis listas de pormenores biográficos ou títulos bibliográficos referentes a Monsenhor Miguel de Oliveira e felizmente já disponíveis. Caberá porventura mais e melhor evocar a figura no seu todo intencional e no respectivo contributo teórico-prático. A sua múltipla investigação integrou-o num notável grupo de historiadores eclesiásticos coetâneos; com eles fundou um Centro de Estudos e uma revista temática, ambos polarizadores e marcantes; a grande informação que assimilou, bem como uma notável capacidade para sintetizar grandes temas com segurança e clareza, permitiram-lhe a elaboração de textos que – entre obras mais vastas, como a de Fortunato de Almeida, e estudos mais específicos, seus e de outros – ainda hoje constituem pontos de partida sólidos e fecundos para a investigação, bem como inestimável acervo de indicações úteis e precisas.

²¹ AZEVEDO – *Mons. Miguel de Oliveira*, p. 63-64. Foi sob a direcção de D. Carlos Moreira Azevedo e no âmbito do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa que o Círculo de Leitores publicou os quatro volumes do *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (2000 – 2001) e os três volumes da *História Religiosa de Portugal* (2000-2002).